

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Jornal da Tarde*

Class.: *06*

Data: *30 de Novembro de 1968*

Pg.: _____

1 Se o padre Calleri e seus acompanhantes enfrentarem grande perigo ao entrar nas selvas para pacificar os Valmeris e os Atrouris, perigo maior ainda pode estar enfrentando, agora, uma outra expedição. A dos irmãos Orlando e Claudio Villas Boas, que há sete meses partiu do Parque Nacional do Xingu para pacificar os Kranhancorose, "a tribo de índios gigantes" que vivem na encosta da Serra do Cachimbo, divisa do Mato Grosso e Pará. — Até agora não vimos nenhum índio, mas pelos objetos que recebemos, já dá para ver que, se não são gigantes, são bem altos. Basta dizer que o tacape dóles mede 1 metro e 70. Quem diz isso é o próprio Orlando, que está em São Paulo. Ele vem para cá e volta, de avião, para a região dos índios. Os Kranhancorose são uma tribo muito primitiva. "Talvez a única no Brasil que ainda usa machado de pedra. Esse grupo nem conhece a cabaca, carrega água em talhos de bananeira". Por isso, talvez, o pela maior experiência dos irmãos Villas Boas, sua expedição entrou nas selvas bastante mais preparada que a do padre João Calleri. A do padre saiu em canoas, com um pequeno transmissor-receptor de rádio, um pequeno gerador e poucas armas. Os Villas Boas já atravessaram 420 quilômetros de selva e abriram três campos de aviação antes de chegar às terras dos Kranhancorose. Além do mais, o padre Calleri contava com a boa recepção dos Valmeris e Atrouris — índios que nem sempre são agressivos.

Os Kranhancorose não são conhecidos; os irmãos Villas Boas talvez sejam os primeiros brancos a ver um dóles. A única informação que existe sobre a sua periculosidade é a de que foi nas suas terras que um destacamento da FAB — à procura dos sobreviventes de uma queda de avião — foi atacado, em 1967.

Como essa tribo — sem que ninguém saiba se é pacífica ou não — existem muitas outras no Brasil. Os sertanheiros que entram menos prevenidos na floresta são atacados de repente. Os operários que abrem estradas morrem flechados.

Por isso, além das expedições do padre Calleri e dos Villas Boas, há outras nas selvas, entre elas a do sertanista Antonio Cotrim que partiu ao encontro dos índios Gaviões, que vivem na divisa do Maranhão com Goiás e Pará e a do monsenhor Roberto, que no mês passado saiu para pacificar os índios que vivem na região de Guajará-Mirim, em Roraima. São organizadas pela Fundação Nacional do Índio.

— É preciso que se compreenda que a pacificação do índio é um recurso extremo. O ideal é deixá-lo sossegado em suas terras — diz Orlando Villas Boas, diretor do Parque Nacional do Xingu.

E foi como "recurso extremo" — vão passar estradas — que a Fundação Nacional do Índio organizou as expedições do padre Calleri, do monsenhor Roberto e do sertanista Chico Meireles — para a região dos Cintas Largas, entre Mato Grosso e Rondonia.

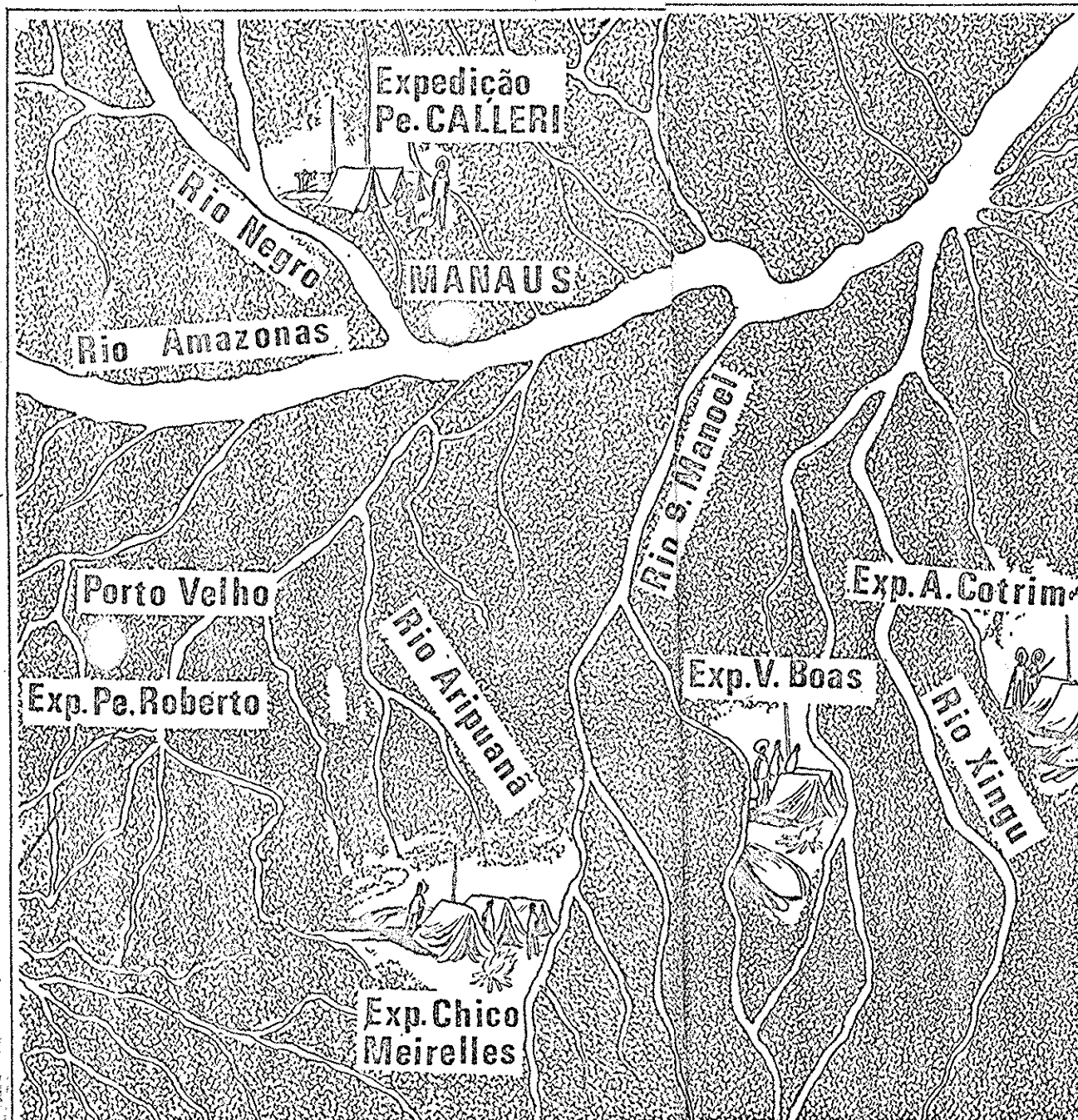
Monsenhor Roberto, bispo de Guajará Mirim, subindo 250 quilômetros pelo rio Madeira, procura uma das aldeias ainda não pacificadas dos Pacaás Novos.

— Em 1961 um garoto passava pela estrada do Iata — lembra Villas Boas — a 30 quilômetros de Guajará, levando ovos para vender na cidade. Foi atacado pelos índios. Quando o encontraram, seu corpo estava jogado na estrada e suas pernas haviam sido arrancadas.

Guajará-Mirim, uma cidade de 12 mil habitantes no território de Rondonia, tem muitas histórias como essa.

— Mas os índios só são hostis quando um branco ataca uma de suas aldeias — diz Orlando Villas Boas. — Ai todas reagem em cadeia.

Na cidade, segundo Villas Boas, diz-se que o menino foi morto como represália ao que os brancos fizeram pouco antes.



2 — Um grupo de brancos invadiu uma aldeia já pacificada, armado com metralhadoras. Cortaram as cabeças das mulheres, jogaram as crianças para o ar e as aparam nas pontas dos facões. Os Pacaás-Novos são os índios que mais trabalho dão aos brancos que vivem perto de suas tribos. Foi no fim do século passado que houve o primeiro contacto: o governo estava construindo a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, os Pacaás atacaram e houve muitas mortes. E as tentativas de pacificação só começaram em 1948, com o extinto Serviço de Proteção aos Índios. Mas a falta de verbas e a dificuldade de comunicações impediu que a pacificação fosse satisfatória.

Como são hoje esses índios?

"Em seis meses — diz Villas Boas — são capazes de assimilar os costumes dos brancos, a maioria em Guajará Mirim já fala português. Mas vivem afastados dos brancos, fechados em seus grupos, falando sempre muito pouco. Comem pouco também. Ficam alegres quando ganham roupas, mas sua maior alegria é ganhar bananas".

Até hoje foram pacificadas apenas seis aldeias de Pacaás Novos. De cada delas, no máximo 30 índios vão morar na cidade; os outros continuam a viver nas aldeias, assistidos por padres.

Hilen Cardoso, filho do radioperador José Cardoso esteve em 1961 trabalhando na pacificação da aldeia Axé, a 150 quilômetros de Guajará Mirim. Agora está em São Paulo, com Orlando Villas Boas:

— A maior dificuldade numa expedição é vencer a desconfiança dos índios — lembra. — Todos os movimentos dos brancos são vigiados. Os índios ficam em volta do acampamento, trepados nas árvores. Ninguém dorme: os brancos com medo dos índios e os índios com medo dos brancos. Sim, eles também têm medo: nunca dispararam uma flecha quando vêem que um branco está armado.

Quando uma expedição chega à aldeia índia, os brancos ficam tentando conquistar a confiança dos índios e o índio-guia — geralmente da mesma tribo — reúne-se com o cacique, tentando convencê-lo a deixar alguns de seus homens irem à cidade. As vezes isso é conseguido, sob a condição de que parte dos expedicionários fique na aldeia até que os índios voltem da cidade.

A casa de Hilen Cardoso, em Guajará Mirim, fica ao lado da Prelazia. Muitos índios ficaram seus amigos.

— Os Pacaás são uma tribo pobre, que vive numa região de pouca caça e por isso precisa sempre estar mudando de um lugar para outro. E sabe como eles fazem? Um dos índios fica durante vários dias seguindo uma formiga saua. Para onde a saua for ele vai. Isso porque as sauas sempre fazem o formigueiro perto das margens de um rio e no lugar em que elas se instalam nunca há onchenes. Lá os índios armam a nova aldeia.

Em 1962, Orlando, Hilen e seu colega Edilson Monozes viram um dos rituais que mais impressionam os brancos: os índios comendo um parente morto.

Para isso os sertanistas têm duas explicações. A de Hilen Cardoso: "Como a caça naquela região é pouca, eles têm fome. Por isso comem seus parentes. A prova é que outras tribos, que também vivem em Rondonia, só que em regiões onde há mais caça, não têm esse costume". A de Orlando Villas Boas: "A antropofagia é ritual. Eles comem um pedaço do corpo do morto para assimilar suas qualidades em vida. Aliás, um outro costume deles é incinerar o corpo. Em seguida guardam a cinza num recipiente e todos os dias comem um pouco. E só acreditam que a pessoa morreu quando já comeram todas as cinzas".

Guajará Mirim tem 12 mil habitantes e vive do comércio com a Bolívia. É uma pequena mancha no meio da selva. Com toda a civilização que leva, seus habitantes só se atrevem a entrar pelo mata num limite de cinco quilômetros. Daí para a frente estão os índios desconhecidos, antropofagos, guerreiros, gigantes como os Kranhancorose.

Na selva, ele viu um ritual dos antropófagos



Orlando Villas Boas (foto) é um sertanista experimentado. Participou de muitas expedições e em 1962 assistiu a um dos rituais que mais impressionam os brancos que conhecem os índios: vê-los devorarem o cadáver de um parente. Mas a pacificação dos índios gigantes é sua missão mais difícil.